

D. DEL SANTO

A Lygia, com a maior estima e amizade de Dionísio

instituto de arte contemporânea

DIONÍSIO DEL SANTO

Serigrafias

CONTORNO GALERIA DE ARTE

Rua Haddock Lobo, 1.544
Tel. 282-8684 - São Paulo

4 a 24 de novembro de 1975.

instituto de arte contemporânea



contorno galeria de arte e molduras

rua haddock lobo 1544 tel. 282 8684 são paulo

dirigindo-nos à frente da casa e saímos pelo portão de grades por onde eu havia entrado quando subi a escadaria.

Ao lado de meu estranho e íntimo acompanhante volto a observar, desta vez serenamente, a primeira casa onde se dava a festa. O fogo continua a consumi-la qual fornalha ardente. As pessoas dentro dela mexem-se ainda, vagarosamente, enquanto definham como se as chamas as tivessem transformado em estranhos entes do próprio fogo, de terríveis formas. Vejo no andar térreo, entre as flamas de luz alaranjada, dois desses indivíduos, quais seres de inconcebível fauna semi-humana, movimentando-se com certa calma e revelando-me tétricas metamorfoses nas expressões do olhar e nas torções do corpo nu. Percebo-lhes na boca uma sugestão de sorriso, por isso concluo admirado que o sofrimento deles não é coisa insuportável e que a situação é aceita com certo conformismo melancólico.

Acordo nesse instante e automaticamente imagino, como se ainda estivesse adormecido, na trama do sonho um conteúdo premunitório.

A larva do sonho

Na véspera, depois de um longo trabalho como serígrafo e com um grande desgaste físico e mental, deitei-me para dormir, a uma hora da madrugada.

Enquanto eu trabalhava, desde cedo, remoia intensamente questões de consciência relacionadas com meu ofício. O que me torturava era inexprimível, pois se apresentava sob a mais confusa agitação e provinha dum fundo ao mesmo tempo psíquico e mental e, sobrecarregado de tensão emotiva.

Não conseguia adormecer porque em mim continuava a revolver-se obsessivamente, essa larva psíquica que não consigo transcrever em seu depressivo estado original. Era como se eu estivesse, já, vivendo um longo pesadelo desperto no qual minha imaginação e meus ressentimentos buscavam a solução premente para uma situação claramente relacionada com o trabalho que eu prestava aos outros em meu ofício de serígrafo.

Por volta das quatro horas da madrugada, embora exausto, ainda não tinha adormecido. Levantei-me, fui à prancheta de trabalho, fumei um cigarro e tentei depois relaxar a tensão nervosa através dum exercício respiratório.

Quando voltei a deitar-me, adormeci e logo aconteceu essa descarga de imagens oníricas, ao final de cujas seqüências acordei. Novamente levantei-me, anotei os detalhes do sonho e fiquei a recordar a ordem das imagens e meus próprios sentimentos diante delas.

Nos dias seguintes concentrei-me no trabalho de transcrever tudo aquilo em palavras. Penso ter conseguido captar o sonho de modo verídico, isto é, sem nenhum acréscimo de fantasia.

Os fundamentos

Ao tentar decifrar o sentido das imagens oníricas, concentrei-me numa longa análise de mim mesmo, sob o ângulo profissional.

Há muitos anos dedicava-me, como recurso para sobreviver, à impressão de serigrafias para meus colegas. Inicialmente, há uns 7 anos atrás, limitava-me às tintas opacas e eu próprio me considerava como o artesão que dominava os recursos básicos da técnica, para a reprodução, em tiragens, de exemplares repetidos e a partir de projetos preelaborados.

Não havia portanto, problemas de consciência ou atritos espirituais em jogo.

Posteriormente penetrei num domínio de pesquisas pessoais e fui ganhando a consciência de minha própria linguagem como serígrafo. Passei a considerar a técnica como um fator inseparável dessa linguagem, à medida que enriquecia meus próprios recursos, principalmente no campo das tintas transparentes. Eu não conseguiria renovar-me e evoluir se não conseguisse renovar a própria técnica, dar-lhe seqüências e obter deste modo, resultados novos.

Mesmo assim passei a oferecer aos colegas tais recursos técnicos, sobre os quais eles não podiam exercer um controle consciente, pela complexidade das próprias superposições transparentes as quais se fundamentam na experimentação. Neste caso o esquema gráfico básico ou projeto, é muito pouco e a realização ou execução, sob a liberdade plena do artesão, é muita coisa.

Automaticamente tal situação deveria acarretar-me problemas de consciência que eu próprio não entendia claramente desde o início. Lógico seria o reconhecimento dum cumplicidade fraterna entre o artista e o artesão executor, mas havia o problema melindroso relacionado com a "personalidade". E ainda seria necessário que houvesse uma afinidade ou certa coerência de linguagem entre esses cúmplices.

Em mim crescia o sentimento contraditório de que as tiragens que realizava a partir de esquemas alheios eram exercícios de virtuosismo excessivo.

Presentia confusamente que a utilização inconsciente da serigrafia poderia conduzi-la à mera finalidade lucrativa ou à alienação.

Mas, as coisas foram acontecendo e amadurecendo lentamente. Não atribuo essa inconsciência, inteiramente aos que solicitavam o meu trabalho de artesão. Aceito a responsabilidade que me toca no assunto. Reconheço a colaboração que os colegas me ofereceram com o seu entusiasmo, para o meu próprio desenvolvimento.

Nós abrimos, coletivamente, as portas para a aceitação da serigrafia criadora, ligada às artes plásticas no Brasil. As falhas ou imperfeições são caracteristicamente humanas e acontecem a quem se propõe a realizar qualquer coisa.

Meditações

Minha imaginação exaltada me fazia supor, inicialmente, que através do sonho se manifestou a sabedoria de uma entidade mística, mais sábia e profunda, vinda em socorro de minha incompreensão. Sei que através da astrologia pode-se captar a dimensão mágica e maravilhosa de que o espaço cósmico está impregnado. Mas, reluto em atribuir a estranhas entidades espirituais o mistério insondável dos fenômenos astrais que se processam sobre o ser, revelando com intensidade assustadora, secretas dimensões do subconsciente e que novamente se esvaem se não conseguirmos gravá-las com o máximo esforço, na consciência. Inclino-me a pensar que o sonho deve ser uma resposta apresentada pelo psiquismo, a partir de uma carga de dados que a idéia acumulou antes do sono. Percebe-se uma secreta analogia entre o seu mecanismo e o processo do computador eletrônico.

Em fascinante surpresa noto que essa cadeia de imagens oníricas se desenrolou segundo minhas secretas convicções. Tais imagens são a expressão simbólica apresentada à minha própria idéia, a partir dos elementos que minhas preocupações elaboraram na véspera e que me torturaram até aos últimos instantes antes de adormecer. As imagens se apresentaram, no sonho com uma pujança muito superior a qualquer visão real ou desperta e me indicaram a solução intuitiva dum problema pessoal ou de consciência.

Através dessas imagens acontecidas de modo tão vertiginoso, compreendi que o fogo é a energia inevitável da criação. Todavia esse mesmo fogo dá origem à turva e ostensiva fumaça da vaidade e pode transformar-nos em inútil cinza, isto é, pode

destruir-nos quando a nossa vontade é impotente para dominá-lo através do elam, do labor, e sobretudo, da consciência ética.

No entanto continua estranho e transcendente o fato de eu ter podido clarear a minha própria idéia a respeito do assunto e de ter obtido, automaticamente, logo no desfecho do sonho, a mais forte convicção a respeito de um conteúdo de futuro, isto é, a premunição de acontecimentos que se dariam posteriormente, motivados pela nova atitude que eu assumiria em face do assunto revelado.

No sonho consigo assumir a parcela de cumplicidade negativa que, embora apoiada num sentido de auto-sacrifício, contribuiu para as seqüências e para a confusa direção que os fatos tomaram em meu ofício de serígrafo.

O cerco do incêndio no terraço cimentado, ao alto dos blocos de casas, para onde eu subi pela escadaria, indica o meu envolvimento inconsciente na questão.

O salto arriscado e o deslizar mortificante pela calha inclinada que me reconduziu de novo ao chão, refere-se ao meu engano por ter oferecido a dimensão lúdica de meu próprio trabalho. Penso agora, que o lúdico, na serigrafia, faz parte da individualidade daquele que maneja a matéria da criação e por isso não pode ser oferecido ao outros, arbitrariamente. A invenção só pode ser válida eticamente, quando nasce das raízes do ser.

O sentido desse deslizar pela calha inclinada está no futuro. É, portanto, premunitório. Mas, creio que ele me revela ainda, o tributo de responsabilidade que eu devo assumir, pela cumplicidade negativa nos acontecimentos.

O meu "duplo etéreo" indicou-me a solução temerária, despreendida e orgulhosa, reconduziu-me à solidão da estrada e me despertou para o prosseguimento da jornada e por novos caminhos, a desvendar no futuro.

Este esclarecimento representa a tomada de consciência estranhamente revelada sob a forma inicial de assustadora intuição nas imagens do sonho.

julho 1973

Será tudo isso o produto de minha imaginação fantasmagórica e irreal?

Por um instante parece-me que a própria dimensão do espírito é uma ilusão intangível e no entanto inclino-me ao seu apelo misterioso e lá procuro a porta que me leve além da morte.

Dionísio Del Santo. 1974.

Depoimento

Apresento este fato insólito como um depoimento pessoal relativo à minha vivência no domínio da serigrafia multiplicadora.

Ao mesmo tempo representa, para mim, uma transição de consciência que me levou a assumir a defesa da EXECUÇÃO — ou da manipulação da matéria da criação, como um trabalho básico e inseparável do próprio ato criador.

Principal fator que motiva a multiplicação, isto é, a elaboração de novas unidades, a cor — e a sua própria qualidade plástica — é a alma da criação e reflete o espírito ou a individualidade de quem a domina tecnicamente.

Descarga psíquica

(Aconteceu no dia 10 de agosto de 1972, entre 4 e 5 horas da madrugada).

De repente, por uma estrada de asfalto, encontro-me a caminhar sozinho, a passos firmes, como se tivesse em mente um destino certo. Às margens dessa estrada erma, há perfis de casas dispersas, semiocultas em escassa luz. Sinto a sugestão de algum recanto de subúrbio, cujo secreto aspecto familiar, não chego a decifrar.

Uma coluna de fumaça escura e vertical me desperta a atenção a uma distância que não sei definir, pois vejo-a por sobre o telhado de um velho e amplo galpão, o qual me impede de enxergar-lhe a base, isto é, seu foco de origem.

Ainda me detenho ansiosamente a associar esse casarão e a fumaça a uma indústria funcionando, quando minha atenção volta-se para uma árvore de cujos galhos pendem frutos maduros que não identifico, redondos, pouco menores que laranjas. Uma forma mais ampla, de lírico vermelho — retangular — destaca-se entre o verde da folhagem. Em seguida surpreendo-me ao notar que essa sugestiva forma vermelha é a camisa de um homem, visto de costas, que entre a ramagem da árvore colhe frutos.

Continuo a caminhar concentrado nessa visão campestre e vejo, qual mágica surpresa, a coluna de fumaça escura e vertical, surgir agora por detrás e além da árvore. Em vão, procuro desvendar-lhe a origem, a base, que permanece oculta para mim. É uma coluna vigorosa e estranhamente alta e sua agitação me impressiona, pois pressinto através dela uma secreta ameaça.

À medida que avanço a olhar tensamente essa imagem misteriosa, e me aproximo da árvore, surge ao lado dela, uma casa tipo sobrado e pelas janelas do segundo andar vejo várias pessoas que se agitam num clima de festa mundana. Minha visão se detém a contemplar essa nova cena enquanto camincho. Algumas senhoras, moços e moças, senhores, todos movimentam-se ou tagarelam no interior da casa iluminada, em festa social, Seus rostos que me são familiares passam rente às janelas e desaparecem nos vãos das portas dos compartimentos internos do sobrado.

Elemento constante como a conferir coerência a um enredo cinematográfico de absurdas e imprevisíveis seqüências, a coluna de fumaça desloca-se para o fundo dessa casa. Do ponto em que me encontro, ainda a caminhar na estrada asfaltada, vejo-a erguer-se, qual penacho agitado, por sobre o telhado. Sua extremidade superior funde-se na escuridão do céu noturno e seu foco de origem, invisível para mim, eu o associo à chaminé da cozinha situada por detrás do corpo principal da casa em festa.

Enquanto observo, intrigado, a agitação e a escuridão dessa fumaça erguida em coluna vertical, sinto através dela expandir-se no ar um halo de intenso calor que vem banhar o chão do asfalto escuro, por sobre o qual camincho, de estranhos reverberos.

Continuo a fixar intensamente o foco dessas vívidas imagens cujas seqüências vão ganhando agora um ritmo vertiginoso. Sinto que o halo ardente da coluna de fumaça atinge o grau de máxima tensão e logo explode em fulminante incêndio. O telhado da casa tremula sob um tenaz enxame de línguas de fogo, enquanto outras chamas douradas se retorcem no dorso das paredes.

Através das janelas ainda vejo as pessoas, descuidadas ou indiferentes por entre as chamas e as vigas do telhado que desabam sobre elas. Pressinto que poderiam saltar, em desespero, pelas janelas do segundo andar e, no entanto, todas se deixam queimar absurdamente ante minha visão de angústia.

Estou muito próximo da cena que ao mesmo tempo me atemora e me fascina e quase penetro em sua orla sufocante no instante em que vislumbro à margem esquerda da estrada, dois blocos de casas. Entre elas, como a uni-las num conjunto residencial desabitado, estende-se uma escadaria, através da qual eu subo em obscuro impulso, como se estivesse em fuga, ante uma ameaça iminente, e ao seu final encontro-me num terraço cimentado.

Pressinto que o fogo surge também nestes blocos, qual infernal e secreta nascente. Já não posso voltar pela escadaria por onde subi e no entanto não vejo esse fogo, apenas sei e creio que ele me envolve por todos os lados e me impede o retorno.

Meu pensamento, minha compreensão e minhas decisões são instantâneos. Sem deter-me a ana-

sar as estruturas circundantes percebo à minha frente, a uns quatro metros além do plano do terraço, uma calha inclinada que, em dois lances, vai dar ao chão, nos fundos da casa. Minha vista acompanha, em rápido lance, esse declive, sem contudo distinguir-lhe o final que se perde na penumbra, à esquerda do quintal. Compreendo que essa calha é o trampolim apresentado indicando-me a única saída para a situação em que me encontro.

Da área do terraço onde estou de pé e na máxima tensão dos meus sentidos, vejo que me acho a grande altura, mas nenhum temor interno consegue travar o elam dos meus impulsos. Dou um salto instintivo e agarro-me às bordas da calha semicircular e de metal. Numa continuidade estranhamente irreal deslizo até o final do primeiro lance como se minhas mãos fossem garras mecânicas a escorrerem pelas bordas da calha conduzindo meu corpo a elas pendurado. O segundo lance da calha não é a continuação do primeiro. Está noutro plano, separado do primeiro pelo espaço de um metro ou mais. É uma espécie de viga inclinada, longa e estreita e construída em cimento.

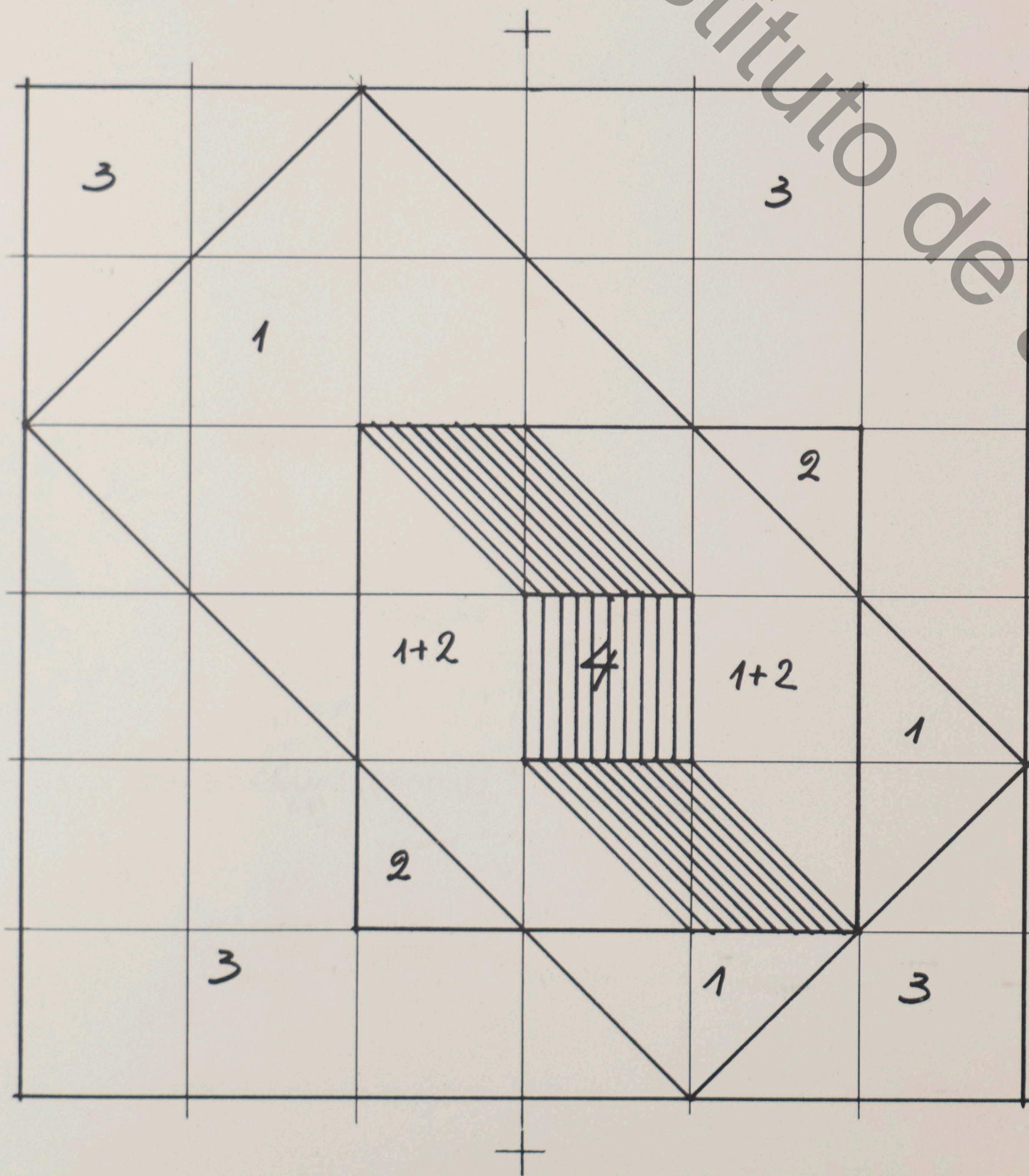
Não recordo com clareza os detalhes da ginástica através da qual consigo passar a este segundo lance.

Parece-me que alcanço a viga primeiramente com os pés e um dos braços e num impulso rápido transiro meu corpo para a superfície superior da estreita rampa.

Automaticamente recomeço a deslizar pela inclinação, agachado e de costas, firmando-me com as mãos nas arestas da viga.

Levantando o olhar, vejo, cada vez mais longa, à medida que continuo a deslizar, a trajetória percorrida. Mas, no exato instante em que minha vista atinge o ponto mais alto e inicial da primeira calha inclinada, percebo sobre ela um homem extremamente despreendido, repetindo o meu humilhante percurso numa versão temerária. Qual displicente acrobata, indiferente ao abismo, desliza de pé pelo declive da calha e num desequilíbrio descuidado e assustador. Reparo a sua magra e alta estatura sob um terno escuro e à sombra do pequeno chapéu, também escuro, que lhe cobre a cabeça, vejo-lhe a dura e sofrida expressão do rosto.

Encontro-me agora agachado no final do segundo lance o qual termina junto a um muro que limita o pátio da casa, mas ainda a uma altura de uns quatro metros do chão. Quando essa figura que desliza pela calha de modo tão bisonho aproxima-se de mim eu a contenho levemente com a mão como se fosse uma sombra imaterial e sem ser necessário dizer-lhe qualquer coisa ordeno-lhe, como num processo telepático, que pule ao chão com cuidado. Pendurando-se à aresta da viga solta-se, obediente à minha vontade como se fosse certa dimensão de mim mesmo — meu duplo etéreo. Do mesmo modo eu também pulo logo a seguir. Ambos caminhamos pelo corredor lateral do pátio



Serigrafia Permutacional Como Processo Autônomo de Criação

O projeto, ou esquema gráfico básico, determina uma programação, por assim dizer teórica, do trabalho a ser realizado. Trata-se de uma idéia desencarnada, isto é, ainda não comprovada na matéria.

Embora a finalidade do projeto consista em propor novas soluções plásticas, novos relacionamentos estruturais a serem testados, é indispensável que tais propostas se integrem na continuidade ou na coerência do mundo plástico do autor. Deste modo elabora-se a linguagem individual. E a finalidade dessa linguagem é revelar uma visão do mundo e portanto equacionar uma ética do ser em face da vida.

Neste sentido a arte é o testemunho de uma vivência. E a intensidade de qualquer vivência exige a escolha de um limite. Em vez de se refletir, experimentalmente, na multiplicidade caótica e incoerente do mundo objetivo, o artista é atraído a concentrar-se em seus próprios limites subjetivos e ali refletir a parcela de multiplicidade do mundo que possa ser filtrada ou passar pelo crivo de sua sensibilidade. Deste modo ele procura a profundidade evolutiva e evita a dispersão.

A vivência artística encerra uma conotação direta e predominante com a dimensão anímica e neste sentido a arte é a expressão sutil dos sentimentos e das emoções.

Embora inseparável de um cunho mental, porque tudo no ser é interpenetrado, a arte não é propriamente um pensamento. Seria preferível dizer-se que é uma meditação. Através da dimensão intelectual acumulam-se informações racionais, mas o principal interesse do artista plástico não consiste em permanecer no domínio abstrato dos conceitos. Ali realmente predomina a dimensão mental e crítica.

O artista é um construtor. É o que faz. Nele prevalece o secreto fascínio que o arrasta à tarefa de captar as contingências moveidias da alma, refleti-las ou concretizá-las na matéria específica da criação.

No processo serigráfico essa matéria-prima que oferece, através das permutas, múltiplas possibilidades de concreções, é a cor.

A cor não é apenas luz ou atmosfera. É argamassa. Se a forma é o recipiente vazio a cor é o conteúdo fecundante e que lhe confere múltiplos sentidos.

Dionisio Del Santo — 1973

CURRICULO

- 1925: Nascimento, 31 de janeiro. Colatina, ES
- 1932 a 1939: Seminário S. Francisco de Assis. S. Teresa.
- 1940: Descoberta da pintura. Primeiros desenhos.
- 1946: Chegada ao Rio. Estudos teóricos. Desenhos.
- 1953: Primeiros trabalhos de cunho próprio. Xilografias, Arte gráfica, Serigrafia.
- 1960: Pintura — fase concreta. Desenhos de linhas paralelas.
- 1965: 1.ª Exposição Individual — Galeria Relevo — RJ
- 1967: IX Bienal de S. P. — Aquisição Itamarati. (Prêmio).
- 1968: Isenção de júri no S.N.A.M.
- 1970: Exposição individual no Ibeu. VII Bienal de Gravura, Tóquio. Concentração na Serigrafia, Pesquisas Técnicas.
- 1973: Exposição individual de serigrafias no M.A.M. V Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte: Aquisição P.B.H. (Prêmio).
- 1974: Exposição na Bolsa de Arte, Rio de Janeiro, RJ
- 1975: Exposição individual de Serigrafias na Fundação Cultural do Distrito Federal — Brasília.
Exposição individual de serigrafias. Galeria Contorno, S. Paulo.